

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS CENTRO DE ESTUDOS  
SUPERIORES DE PARINTINS LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

**RANIELLY SAMPAIO DE SOUZA**

**NARRATIVAS DE PROFESSORES SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL COM  
CRIANÇAS DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Parintins - Am  
2021

**RANIELLY SAMPAIO DE SOUZA**

**NARRATIVAS DE PROFESSORES SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL COM  
CRIANÇAS DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em  
Pedagogia, pela Universidade do Estado do  
Amazonas apresentado como exigência parcial para  
obtenção do grau de licenciado em Pedagogia.

Orientador: Prof. Msc. Denis de Oliveira Silva

Parintins - Am  
2021

**RANIELLY SAMPAIO DE SOUZA**

**NARRATIVAS DE PROFESSORES SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL COM  
CRIANÇAS DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em  
Pedagogia, pela Universidade do Estado do  
Amazonas apresentado como exigência parcial para  
obtenção do grau de licenciado em Pedagogia.

**Aprovado em: 24/07/2021**

BANCA EXAMINADORA



---

Profº Mestre Denis de Oliveira Silva  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas - IFAM



---

Profª Especialista Aline do Socorro de Souza Rodrigues  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM



---

Profª Mestre Geany Karol Santana Leal  
Universidade do Estado do Amazonas - UEA

## **AGRADECIMENTO**

*Agradeço a DEUS, pela oportunidade de concluir mais uma etapa da minha vida, pois sem ELE eu não teria chegado aqui, toda honra e toda glória a DEUS.*

*A minha família, em especial minha mãe Landa pelo apoio e ajuda durante os anos em que estive na faculdade.*

*Minha enorme gratidão ao meu noivo, Carlos Alberto que em todo momento confiou e acreditou em mim, que me apoiou e ajudou em todos os aspectos e situações possíveis. Sem sua ajuda não conseguiria terminar essa fase.*

*A Universidade do Estado do Amazonas — UEA, no Centro de Estudos Superiores de Parintins — CESP.*

*Aos queridos professores pelos ensinamentos durante o período do curso.*

*As minhas colegas de grupo, Bruna Prata, Emily Nakauth, Richele Souza, Thaís Almeida e Zandrya Pontes que fizeram essa jornada mais tranquila e divertida.*

*A Escola Municipal Irmã Cristine que me recebeu nos meus primeiros semestres da faculdade como estagiária, criei um carinho enorme pela instituição.*

*Ao professor Gilvandro Machado que leciona na Escola Irmã Cristine que sempre me orientou e me ajudou em todos os momentos que podia.*

*Ao meu Orientador pela paciência e compreensão durante o processo deste trabalho.*

*“Procure obter sabedoria e entendimento; não se esqueça das minhas palavras nem delas se afaste. Não abandone a sabedoria, e ela o protegerá; ame-a, e ela cuidará de você. O conselho da sabedoria é: procure obter sabedoria; use tudo o que você possui para adquirir entendimento. Dedique alta estima a sabedoria, e ela o exaltará; abrace-a, e ela o honrará.*

*(Provérbios 4:5-8)*

## RESUMO

Teóricos como Foucault (2015) para falar de sexualidade; Figueiró (1996) e Suplicy (1988) em educação/orientação sexual; Connely e Clandinin (1995) e Saragoff (2015). A metodologia fundamentou-se no método narrativo, tendo a pesquisa uma natureza qualitativa. As Narrativas são um método onde se analisa as falas, histórias e vivências dos participantes da pesquisa. Se tomou como objetivos, investigar se nesta escola se aborda o tema da educação sexual, descrever de que forma é abordada a educação sexual pelos professores e conhecer as experiências dos professores ao abordarem a educação sexual com os estudantes. A coleta de dados se deu através do uso do aplicativo de celular de mensagens instantâneas, o “*WhatsApp*”. A pesquisa foi realizada durante a pandemia do coronavírus SARS-COV-2, por esse motivo, as atividades presenciais das escolas foram suspensas, onde tivemos que adequar o modelo de pesquisa fizemos entrevistas com os professores, foram entrevistados três professores que lecionam nos anos iniciais do ensino fundamental. Através das narrativas dos docentes identificamos que a escola não aborda em seu currículo escolar a educação sexual como tema transversal, a temática é apresentada apenas nas aulas de ciências quando trabalham a higiene corporal. Segundo as narrativas a falta de recursos e formação especializada são um dos fatores prejudiciais para a abordagem da educação sexual como tema transversal.

**Palavras-chave:** Narrativas. Educação sexual. Crianças

## ABSTRACT

This work has a purpose understand through the narratives teacher's narratives how it happens the approach of sex education in the early years classroom of the Municipal School "Irmã Cristine" in the Parintins City, inside Amazon state. We seek theoretical subsidies as Foucault (2015) to speak about sexuality; Connely e Clandinin (1995) and Saragoff (2015). The methodology was ground in the narrative method, taking the research a qualitative nature. The narratives is a method where it is analyzed the speech, stories and experiences of the survey respondentes. The objectives are, investigate if this school approach the theme sex education, describe how is approach the sex education through the teachers and know the teacher's experiences in addressing the sex education with the students. The data collection was given through of the instant messaging application 'Whatsapp'. The research was realize during the coronavirus pandemic SARS-COV-2, for this reason, the presential activities was suspended, where we had to adapt the research model, we did interviews with the teachers, were interview three teachers that teach in the early years of elementar school. Through the teacher's narratives we identify that school doesn't address in it school curriculum the sex education as a transversal theme, the thematic is Only shown in the science class when the body hygiene it's work. According to narratives the lack of resources and speciality training are one of the harmful factors for the approach the sex education as transversal theme.

**Key words:** Narrative; Experience; sex education;

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	8
<b>1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	10
1.1 A SEXUALIDADE.....	10
1.2 ORIENTAÇÃO SEXUAL, EDUCAÇÃO SEXUAL O QUE É?.....	13
1.3 FORMAÇÃO DE PROFESSORES.....	15
<b>2- METODOLOGIA</b> .....	20
<b>3- NARRATIVAS, EXPERIÊNCIAS E VIVÊNCIAS DOS PROFESSORES:</b> .....	25
3.1 EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA:.....	25
3.2 A ABORDAGEM EM SALA DE AULA.....	29
3.3 EXPERIÊNCIAS E VIVÊNCIAS.....	32
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	36
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	38
<b>APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO</b> .....	43
<b>APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA</b> .....	48

## INTRODUÇÃO

Esse Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), Aborda Narrativas De Professores sobre Educação Sexual com Crianças dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, a pesquisa aconteceu na Escola Municipal “Irmã Cristine” no município de Parintins no interior do Amazonas.

A escolha da temática emergiu da história de vida da pesquisadora, com acontecimentos vivenciados na infância os quais poderiam ter sido evitados se esta tivesse recebido uma educação sexual tanto da família como da escola.

Porém, essa experiência que causou uma inquietação na pesquisadora para a discussão dessa temática nas escolas, principalmente nos anos iniciais do 1.º ao 3.º ano. Ao se abordar a educação sexual em salas de aulas pode prevenir muitos problemas futuros na vida dos estudantes.

Este trabalho possui uma relevância social e acadêmica. Visto que traz assuntos que podem despertar discussões a respeito de uma realidade presente no dia-a-dia de muitas crianças bem como de professores. Além disso, o trabalho traz o cruzamento de teóricos com dados reais o que pode ajudar na resolução de problemas relacionados à vida de crianças e da realidade de professores. O trabalho ainda pode ser útil para servir de fonte e base para estudos futuros e para pesquisadores que estudam o tema.

O trabalho aborda temas específicos como a Sexualidade tendo Foucault (2015) como teórico, educação/Orientação Sexual tendo as ideias de Figueiró (1996), bem como Suplicy (1988). Por fim, apresentamos também as ideias de Connely; Cladinin (1995) e Saragoff (2015) que falam sobre as Narrativas.

As narrativas são métodos que se trabalham a partir do ouvir experiências e vivências das pessoas, Souza e Cabral (2015) vão nos dizer que esta constitui-se no ato de contar e de revelar o modo pelo qual as pessoas percebem e vivenciam o mundo.

A principal pergunta que norteia esta pesquisa narrativa é: quais são as narrativas de professores a respeito de suas experiências sobre a temática da Educação sexual com os estudantes dos anos iniciais do ensino fundamental? Para a obtenção dessa resposta, buscamos através dos nossos objetivos, investigar se nesta escola se aborda o tema da Educação sexual. Descrever de que forma é abordada a

Educação sexual pelos professores. Conhecer as experiências dos professores ao abordarem a Educação sexual com os estudantes.

O método escolhido foi o que entendemos ser mais adequado. Através das narrativas, fizemos uma entrevista com três professores dos anos iniciais (1.º ao 3.º ano) com perguntas específicas buscando entender características sobre o ambiente de trabalho destes, bem como entender de que forma e se trabalham com educação sexual e quais suas maiores dificuldades para trabalhar essa temática.

O trabalho está dividido em três capítulos, onde é abordado a questão da sexualidade em diversos aspectos. A educação sexual com seus conceitos e definições, a formação dos professores e a importância de estes serem preparados para lidar com a temática e por fim os diálogos com as narrativas dos professores com os suportes teóricos tecidos no decorrer da pesquisa.

## 1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 1.1 A SEXUALIDADE

É curioso se pensar nesse assunto, dado que se trata de algo bastante comum, entretanto, deve-se compreender que se refere a uma verdade importante, e que a sexualidade possui uma história.

É claro que no percurso dessa história a sexualidade foi vista de formas diferentes, cada civilização via conforme o seu tempo, não se tratava de algo constante, em cada momento histórico a sexualidade era vista e vivida diferentemente. (RIBEIRO, 2005).

Segundo o mesmo autor, houve sociedades em que se percebia uma certa liberdade na sexualidade, não havia um limite ou esse conceito de pecado, ou errado, como o caso dos egípcios, romanos, gregos, onde o estilo de vida sexual era diversificado e não seguia um conjunto de normas.

Entretanto, sabemos que posteriormente o contexto social e cultural viu a sexualidade pelos princípios religiosos. Passando a uma conotação pecaminosa, sendo um assunto destinado apenas a adultos, e dentro de casa, exclusivo para a intimidade dos pais, era geralmente usado apenas para fins reprodutivos, como afirma Foucault:

O casal, legítimo e procriador, dita a lei, impõe-se como modelo, faz reinar a norma, detém a verdade, guarda o direito de falar, reservando-se o princípio do segredo. No espaço social, como no coração de cada moradia, um único lugar de sexualidade reconhecida, mas utilitário e fecundo: o quarto dos pais. (2015, p 7 – 8)

A igreja ditava o que era conveniente a se (conduzir) e falar, para o cristianismo que o sexo era algo que precisava estar em constante vigilância, que era preciso confessar, examinar e se fosse para falar de sexualidade que fosse apenas para proibi-la. RIBEIRO (1999).

Nesse sentido Foucault (2015) nos fala que até os psiquiatras do século XIX quando tinham que evocar o sexo em seus escritos, acreditavam deverem pedir desculpas por reter a atenção de seus leitores em assuntos tão baixos e fúteis.

Ribeiro vem afirmar que:

A Europa passou, durante os séculos XVI até o XVIII, por uma convulsão social, resultante da Reforma Protestante, da Contra-Reforma e do advento do capitalismo. Nos países católicos e protestantes houve uma chamada para

que o povo aderisse a uma nova ordem moral (e sexual), que se opunha à liberdade da Idade Média. (2005 p. 6)

O cenário era um pouco assustador se olharmos o nível de repressão que acontecia devido ao sexo. Segundo Foucault:

Crianças demasiado espertas, meninas precoces, colegas ambíguos, serviçais e educadores duvidosos, maridos cruéis ou maníacos, colecionadores solitários, transeuntes com estranhos impulsos: eles povoam os conselhos de disciplina, as casas de correção, as colônias penitenciárias, os tribunais e asilos; levam aos médicos suas infâmias e aos juízes suas doenças. (2015, p. 40)

Uma coisa que não se pode negar, é que a prática do sexo por mero prazer e não para reprodução, sempre foi reprimido e tratado como algo sujo, baixo e pecaminoso. A nossa sociedade é influenciada até hoje por um modelo “Cristão Ocidental” que tem influência forte do Judaísmo e cristianismo de um lado e o modelo greco-romano do outro lado. (ROSA & BROERING, 2009)

No decorrer da história o homem foi criando um conjunto de posturas a respeito do sexo, de modo que essas coisas ultrapassaram os limites humanos, surgindo regras, exigências, restrições em torno do sexo que acabou tornando as atividades sexuais um tabu. (GUIMARÃES, 1995)

É claro que todo esse misto de movimentos e pensamentos em torno do sexo, repressoramente só poderia resultar em uma coisa como nos apresenta Ribeiro:

O século XIX tornou-se o palco ideal para a repressão sexual, baseada em padrões e normas negativistas e restritivas, que sustentavam o controle sexual pregado pela moral médica: católicos, protestantes, médicos, educadores, todos se aliavam para normatizar as atitudes e comportamentos sexuais através de postulados pseudocientíficos. (2005, p. 7)

Praun nos traz uma reflexão importante acerca desse tema da diferença ou não entre homens e mulheres, onde nos afirma que:

As diferenças entre homens e mulheres vão além da anatomia de cada organismo, das aparências. Homens e mulheres são diferentes na maneira de ser, embora não sejam desiguais no que concerne a seus direitos. Na busca pela igualdade, porém, frequentemente as mulheres adotam como referencial o modelo social masculino, como se a supressão das diferenças naturais fosse condição para a igualdade de direitos (2011, p. 5).

Uma verdade perceptível é que nossa sociedade ainda tende a supervalorizar os aspectos masculinos em detrimento dos femininos. A educação sexual, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais — PCN, iniciou a partir da década de 70, foi quando se pensou e discutir a sexualidade nas escolas através das:

Mudanças comportamentais dos jovens dos anos 60, dos movimentos feministas e de grupos que pregavam o controle da natalidade. Com diferentes enfoques e ênfases, há registros de discussões e de trabalhos em escolas desde a década de 20. (BRASIL, 1997, p 291)

Vale lembrar que em nossa sociedade patriarcal é comum vermos pais incentivando seus filhos a terem uma vida ativa, pois isso irá provar sua masculinidade e virilidade, porém, as filhas são repreendidas, pois, a esta cabe apenas se guardarem na tentativa de tardar sua “evolução” e assim protegê-las.

Para Carvalho (2006, p. 18)

[...] tudo que constitui o indivíduo é da ordem do histórico, do social, e do cultural e, portanto, do mutável: a cultura, a história, os grupos sociais, as instituições sociais, os gostos, necessidades, interesses, expectativas, desejos entre outros aspectos.

Vemos também que:

As manifestações de sexualidade não começaram apenas na puberdade, mas se manifesta logo após o nascimento da criança e se intensifica ao longo do tempo.” a sexualidade é entendida como algo inerente ao ser humano, que se manifesta a partir do nascimento e vai até o momento da morte, apresentando diferentes formas, de acordo com cada etapa do desenvolvimento” (Rodrigues e Wechsler, 2014, p. 93).

Segundo Osborne (2001) a boca é o primeiro órgão que surge como zona erógena, em que exerce uma pressão libidinosa sobre a mente onde toda a atividade psíquica está concentrada na satisfação das necessidades dessa zona.

Atualmente, ainda vemos marcas dessa influência de repressão, pois sexualidade ainda é um tabu, o que dificulta para muitos introduzir esse assunto em uma roda de conversa o que enfraquece o debate. Infelizmente, por mais que se tente não se tem como negar que a sexualidade é uma realidade na vida do indivíduo, inclusive na do adolescente. O que requer bastante discussão em torno do assunto para a criação de políticas públicas que protejam e orientem estes para evitar problemas como gravidez na adolescência e outros de ordem patológica. (ROSA & BROERING, 2009).

Em sua obra Bosco conclui que:

[...] a sexualidade humana é composta por diferentes dimensões, além da biológica, que muitas vezes é o cerne do trabalho de Educação Sexual, e que possui também dimensões sociais, culturais e políticas. Portanto, sua compreensão é construída e modificada a partir de valores culturais, morais, religiosos, políticos e do período histórico em que se vive. (2019, p.21).

Portanto, conversar, dialogar, quebrar preconceitos e tabus que envolvam a sexualidade é uma necessidade urgente. Tendo em vista os problemas que a oposição ou omissão ao assunto tem causado na sociedade principalmente nos mais jovens. Daí a escola ser um dos lugares onde se pode construir bases fortes para isso, com a participação ativa das famílias criando em casa também um espaço de discussão e debate com crianças e adolescentes para que estes não tenham falta de instrução acerca do tema.

## 1.2 ORIENTAÇÃO SEXUAL, EDUCAÇÃO SEXUAL O QUE É?

A educação sempre foi e sempre será o ponto de partida para a mudança de um povo bem como do indivíduo, não diferiria se pensarmos do ponto de vista de assuntos ligados a sexualidade, sejam as coisas saudáveis ou os problemas que cercam a temática.

A educação sexual começou a ser necessária nas escolas brasileiras entre os períodos de 1920 e 1930. Assim como muitos autores defendiam a relevância de ser discutida a educação sexual, os autores Bruschini e Barroso (1986) tinham o objetivo de preparar as mulheres para o matrimônio e garantir uma reprodução saudável, evitar atitudes imorais, doenças venéreas e masturbação. Em sua dissertação de mestrado Bosco (2019 p. 40), relata que desde o início dos trabalhos sobre educação sexual partiu de pesquisadores médico-biologista.

A discussão sobre a temática começou a crescer e gradualmente a ampliar o debate da acerca da educação sexual, mas foi no período da ditadura militar (1964 a 1985) que a educação sexual foi repreendida e impossibilitada de ser trabalhada.

[...] todas iniciativas abortadas em função da ideologia moralista defendida com o sucesso do golpe de Estado ocorrido em 31 de março de 1964. Usando argumentação como imoralidade, irresponsabilidade e inutilidade, pareceres contrários de Secretarias de Educação condenaram e proibiram os projetos de orientação sexual. (RIBEIRO, 1990 p. 12).

É possível perceber que ao longo dos anos a educação sexual enfrentou avanços e retrocessos sobre sua discussão nas escolas devido ao moralismo e ao conservadorismo, mas em 1997 ela foi inserida nos currículos do Ensino Fundamental a partir dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN).

Lima em sua obra discute as políticas públicas educacionais em relação ao sistema de ensino no Brasil sobre o desenvolvimento de atividades relacionadas à sexualidade.

O MEC através da Secretaria de Projetos Educacionais Especiais (SEPESPE) publica, em 1994, as Diretrizes para uma Política Educacional em Sexualidade. Inserido nessa secretaria está o Programa Nacional de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente (PRONAICA), instituído pela Lei n.º 8.642, de 31 de março de 1993, cujo objetivo é promover a Educação Preventiva Integral (EPI). Para tanto são criadas diretrizes que apontam qual o caminho a seguir para a promoção e a prevenção à saúde, principalmente, a sexual e a reprodutiva. O PRONAICA aponta alguns encaminhamentos para o desenvolvimento de um Programa de Educação Sexual. (2012, pg. 8).

Costa (2001) afirma que a sexualidade foi incluída nos PCN como um dos temas transversais, usando o conceito de *orientação sexual*. O mesmo autor cita que, “a terminologia *orientação sexual*, formulada para contemplar conteúdos e objetos relativos à sexualidade na prática escolar, conduz à ambiguidade”, grifo do autor (p. 17). Em outras palavras a “orientação” vem a ser a identidade sexual. A orientação sexual seria preferência erótica e romântica por pessoas de determinado sexo, sendo heterossexual, homossexual ou bissexual (Money, 1981).

Figueiró (1996) cita que a maioria dos estudos acadêmicos utilizam Educação Sexual como prática educativa, em segundo lugar outros estudos empregam o termo Orientação Sexual como um sinônimo de educação sexual e por último uma minoria utiliza Orientação como desejo sexual, como foi supracitado por Money (1981).

Assim como Figueiró, temos outra autora que compartilha dos mesmos pensamentos sobre os conceitos de Educação e Orientação. A autora Maria José Werebe, uma profissional importante dessa área nas escolas defende que o uso de educação sexual é mais adequado. Ao se falar de sexualidade como prática educativa, já “a expressão orientação sexual se presta a ambiguidades, podendo ser interpretada como a orientação que a pessoa imprime à sua sexualidade e poder ser homossexual, heterossexual, bissexual ou [assexual]” (WEREBE, 1998, p. 154).

No campo acadêmico existem diversidades de pensamentos sobre a mesma temática, e se tratando de terminologia, podemos citar outra autora que apresenta uma diferenciação conceitual.

Suplicy também apresenta em sua obra a diferença conceitual entre orientação sexual e educação sexual. Para a autora a orientação sexual é responsabilidade da escola e do Estado, a orientação sexual oferecida na escola consiste em uma “[...]”

proposta limitada, que visa compreender as lacunas das informações que não foram obtidas em casa sobre o conhecimento das informações biológicas e, sobretudo, psicológicas”. (1988, p.5)

A mesma autora conceitua a educação sexual como algo de inteira responsabilidade dos pais e familiares, é na família que o indivíduo cria suas primeiras sensações e percepções.

[...] atos, palavras e, principalmente, atitudes dos que convivem com a criança. Quando um pai belisca o traseiro da mãe, ele está mostrando desejo. Quando ela responde com um olhar carinhoso ou malicioso, ou reclama e fica brava, ela também está ensinando. [...] A proximidade física de uma mãe desamamentar, tocar o seu bebê desenvolvera para mais ou para menos a capacidade de ter prazer físico, de ter intimidade afetiva com o outro ser humano. Tudo isso é educação sexual, que ocorrerá no contato cotidiano da criança com os pais e será influenciada e transformada pelas outras experiências da vida. As perguntas respondidas ou ignoradas, os atos verbais e não verbais são as influências que a criança terá para elaborar a sua vida sexual. [...] com isso os pais se constituem os principais educadores sexuais de seus filhos. (1998, p.4,9-10).

Vimos que existem divisões de opiniões sobre qual termo utilizar e o significado de cada uma delas. Para melhor compreensão Maia e Ribeiro (2011, p.76) afirma:

Na década de 1990, a intervenção na escola visando atuar com questões sexuais era denominada Orientação Sexual, termo, aliás que acabou sendo adotado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais. Surgiu, porém, uma divergência de opinião acerca do termo mais adequado a ser utilizado: não havia unanimidade na aceitação da *Orientação Sexual*, e muitos autores preferiam utilizar *educação sexual*. Na década de 2010 surgiu um termo adicional, que é a *Educação para a Sexualidade*, que igualmente não encontrou a unanimidade desejada.

Os Parâmetros Curricular Nacionais (PCN) optou por integrar orientação sexual como tema transversal, “o que significa que tanto a concepção quanto os objetivos e conteúdos propostos por Orientação Sexual encontram-se contemplados pelas diversas áreas do conhecimento” (1997, p. 307). A proposta é que cada disciplina trabalhará a temática da sexualidade de acordo com seus conteúdos.

### 1.3 FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Sabendo que a orientação sexual é um tema que deve ser apresentado por meio da transversalidade das disciplinas. Colocar o professor como o agente que executará a orientação sexual requer atenção, pois se deve pensar na real condição de trabalho e na qualidade de sua formação na graduação. De modo que o professor tenha conhecimento não apenas referente aos conteúdos de suas disciplinas, mas

que apresentem segurança em inserir esses temas transversais. (MOIZÉS E BUENO, 2010).

Na educação o modo como será abordado um determinado tema, requer do educador atenção e cuidado para discutir a temática. Nesse contexto entra a educação sexual com crianças dos anos iniciais, a maneira que o educador irá explanar o assunto deve (diferir) quando comparado a uma turma de adolescentes, elevando em considerações sua maturidade e seus conhecimentos prévios do assunto. Alunos dos anos iniciais não tem conhecimento sobre o seu corpo e o do outro da mesma maneira que um adolescente.

Muitos dos professores repassam através do comportamento e falas, a educação que receberam da família e em suas formações acadêmicas. Se este professor não possuir o mínimo de conhecimento sobre assuntos ligados a sexualidade, se tonará difícil o trabalho deste tema com as crianças.

Apesar de a escola existir para educar e formar cidadãos, *“o espaço familiar ainda continua sendo um lugar privilegiado para a construção psíquica e para o processo de socialização infantil”* segundo Lima (2009, p. 19).

De acordo Santos:

Educação Sexual diz respeito ao conjunto de valores transmitidos pela família e pelo ambiente social, percorrendo toda a vida, com influências da cultura, da mídia (rádio, TV, revistas...), dos amigos (as), da escola, e nos permite incorporar valores, símbolos, preconceitos e ideologias. Todos nós somos educadores sexuais, logo todas as pessoas são educadas sexualmente. (2001, p. 23).

É de suma importância também, que os pais, professores e a escola, estejam atentos às manifestações de curiosidade das crianças a respeito da sexualidade e o mais importante saber respondê-las corretamente.

Ensinamos o que nos é repassado, a sexualidade conduz parte da vida de cada indivíduo, embora universal, é também particular e singular. Esta envolve aspectos individuais, sociais psíquicos, biológicos e culturais, acompanhadas de atitudes, histórias e simbolismos. (MOIZÉS E BUENO, 2010; BRASIL, 1997).

Vale ressaltar a importância da formação em graduação e de formações continuadas por meio das quais os professores serão capacitados para então poderem lidar eficazmente com questões de ordem sexual quando estiverem atuando em sala de aula. A educação sexual é um desafio tanto para pais como para Professores, pois muitos não tiveram acesso a essas informações desde a tenra idade.

Nas pesquisas efetuadas por Silva e Neto (2006). Uma das dificuldades encontradas para a inserção dessa temática nas escolas, é a falta de preparo dos professores que trabalham o tema em sala de aula, cujos fatores são pessoais, científicos, institucionais ou oficiais, nesse último caso, gerados por políticas públicas insuficientes para garantirem a formação continuada para a abordagem da temática.

Em sua obra Bartasevicius e Miranda abordam a formação dos professores para a prática da educação sexual, e afirmam que:

Assim percebemos que a vontade dos professores em ajudar o aluno esbarra na dialética entre os seus saberes experienciais, ou seja, sua vivência da profissão e sua disposição e “jeito” para tratar do tema. A esses fatores acrescentamos, ainda, a falta de uma formação adequada para Educação Sexual, que poderia ser ministrada inclusive na própria unidade escolar, dentro dos horários de formação, como as reuniões pedagógicas e os Horários de Trabalho Pedagógico Coletivos. (HTPC). (2019, p. 169).

Segundo o PCN (1997, pág. 303), *“é necessário que os professores possam reconhecer os valores que regem seus próprios comportamentos e orientam sua visão de mundo, assim como reconhecer a legitimidade de valores e comportamentos diversos dos seus”*. Deve-se pontuar que, em sala de aula, os professores podem não falar abertamente, mas suas reações e respostas podem e refletem sua ideologia e entendimento do assunto.

As práticas de educadores são, por vezes, pautadas em crenças, valores e preconceitos oriundos de suas trajetórias singulares e, sobretudo, inscritas em contextos culturais e históricos determinados (BEIRAS, et al., 2005).

Ao falar de Educação sexual é importante que o professor não imponha sua posição, mas veja o aluno como um ser em formação, a importância de trabalhar a temática na infância faz com que a criança construa seu caráter, ideologia, crença, tendo sua sexualidade firmada. (MOIZÉS e BUENO, 2010)

Segundo o PCN (1997) tem mais peso a atitude e postura do professor frente a questões levantadas pelos alunos do que seu conhecimento propriamente dito. Na vida em sociedade a maioria atenta-se mais em ações do que no discurso, o que é prejudicial quando falamos em um contexto de ensino-aprendizagem.

A família pode não falar aberta ou diretamente com seus filhos, mas é ela quem dá as primeiras noções do que é ou não adequado baseando-se em seu conjunto de crenças e valores, realizando assim a abordagem da educação sexual através de comportamentos, ações, expressões e atitudes de proibições. (BRASIL, 1997).

Os professores e os pais devem sempre observar suas posturas frente a essa temática, pois, indiretamente educam mais com atitudes do que com palavras proferidas. Ao professor cabe o papel de mediador de conhecimento, ético sempre considerando os fatos e as circunstâncias que lhe cercam e as crianças que estão sob seu cuidado.

Para Figueiró:

- Educar sexualmente é muito mais que ensinar os conteúdos de biologia e fisiologia da sexualidade;
- Educar sexualmente é criar oportunidades para o aluno expressar seus sentimentos, angústias e dúvidas, refletir sobre suas atitudes e rever preconceitos;
- Para educar sexualmente é preciso saber ouvir;
- O aluno deve ser visto como sujeito ativo no processo ensino aprendizagem e deve ter muito espaço para falar e ouvir seus colegas; - O professor deve ser a pessoa que cria as condições para o aluno aprender, ao invés de ser um simples transmissor de conhecimentos. (2006, p.7).

Segundo o PCN as manifestações da sexualidade aparecem em todas as etapas da vida. As atitudes conduzidas pelos profissionais quando surgem dúvidas são ignorar, ocultar ou reprimir (Brasil, 1997). As crianças não conhecem todas as funções do corpo, o motivo pelo qual seu corpo sofre mudanças. Estas movidas pela curiosidade querem saber o porquê de tudo, o que faz parte da natureza humana questionar as coisas ao redor.

É importante lembrar que não estamos tratando de uma disciplina em específico, mas de um conteúdo transversal. Segundo Holanda & Frota (2010) a escola é local mais privilegiado para ações de informação e educação, por ser o local onde os alunos passam boa parte do dia. Os mesmos autores lembram que a família tem um papel importante na formação do aluno, entretanto, os pais não dão a devida importância para o assunto o que aumenta a responsabilidade dos professores no repasse de temas ligados a sexualidade.

A partir do século XXI, as escolas apresentam cada vez mais a necessidade de programas de educação sexual para informar, orientar e esclarecer as dúvidas dos adolescentes sobre a sexualidade. Inclusive, se trata de um trabalho contínuo que pode iniciar na educação infantil e terminar no ensino médio, sendo um assunto contínuo. (ALVES, 2008).

Este mesmo autor no afirma que:

A Orientação Sexual, oferecida pela escola, busca focar as dimensões fisiológicas, psicológicas, sociológicas da sexualidade, a compreensão da

saúde reprodutiva, afetividade, relações interpessoais e relações de gênero, fazendo o carreamento de informações acerca do desenvolvimento sexual. Sendo assim, a escola não tem como função dizer o que é “certo” ou “errado”, mas preparar o aluno para discriminar o que é biológico, o que vem da cultura, das classes sociais a que pertence, levando-o, assim, a assumir responsabilidades. (2008, p.48).

É importante frisar que o professor que irá ministrar esses temas, precisa ter sensibilidade, habilidade e constante aprendizado e atualização. Insegurança, preconceitos e tabus são os maiores criadores de barreiras para a realização de estratégias que garantam a formação da sexualidade sadia. (HOLANDA & FROTA, 2010).

Alves (2008) cita Nunes & Silva (2000) que afirmam que os professores não estão preparados e não têm oportunidades suficientes ou condições materiais efetivas para assumir os trabalhos escolares em sexualidade humana. Embora seja unânime que os professores são os atores mais indicados para a transmissão desses saberes. O processo de formação de professores tem tido várias discussões para saber qual nomenclatura correta utilizar para descrever essa formação continuada, como reciclagem, treinamento, capacitação formação permanente entre outros.

Sobre a falta de preparo dos profissionais em educação as autoras Bartasevicius e Miranda afirmam:

Se os cursos de licenciatura não têm preparado os professores para trabalharem os conceitos de Educação Sexual com seus alunos, a formação continuada e a experiência cotidiana do docente têm sido o remédio encontrado por muitos professores para suprir essa deficiência. Solução, porém, que não é suficiente, pois tal medida atinge somente os professores que se propõem a esses estudos, enquanto os demais professores optam por não falar sobre esse tema ou por falar a partir de suas experiências e valores pessoais. (2019, p. 162).

Para os professores que não tiveram uma educação sexual e nem tiveram contato com o tema durante sua formação acadêmica, sentem certa dificuldade em trabalhar o assunto com seus alunos, podendo até mesmo desviar a conversa quando um ponto sobre sexualidade é levantado. O assunto de educação sexual nas escolas vem sendo muito comentado, o que tem gerado grande repercussão. O que tem feito instituições de ensino acrescentar em sua grade disciplinas que tratam da educação sexual, capacitando assim, profissionais para abordarem a temática em sala de aula interdisciplinarmente.

## **2- METODOLOGIA**

Nesse capítulo será descrito os processos metodológicos que foram utilizados para realização dessa pesquisa.

A pesquisa foi realizada na Escola Municipal “Irmã Cristine”, localizada na periferia da Cidade de Parintins, o educandário atende de 1º a 5º ano dos anos iniciais, com capacidade para 1032 alunos, distribuídos em dois turnos: matutino e vespertino. Para um resultado satisfatório da pesquisa trabalharemos com as turmas do 1.º a 3.º ano dos anos iniciais. Os sujeitos da pesquisa foram três professores que atuam no 1.º, 2.º e 3.º ano dos anos iniciais do ensino fundamental.

Para a realização da pesquisa na escola municipal de Parintins foi solicitado uma autorização para a gestora da escola que prontamente autorizou a pesquisa. Devido à situação atual em que o mundo está vivendo devido à Pandemia do Coronavírus, as aulas presenciais das escolas e Universidades foram paralisadas.

Por esse motivo os estudos estão sendo em formato remoto impedindo o convívio social. A pesquisa teve que ser adaptada a essa situação, acontecendo através de plataformas de videoconferência e do aplicativo de celular a partir de mensagens instantâneas, o *WhatsApp*. A gestora da escola disponibilizou o contato

dos professores que atuam nas turmas de primeiro ao terceiro ano dos anos iniciais do ensino fundamental.

Nesse primeiro momento de contato, tivemos muitas dificuldades, pois nem todos os professores que trabalham nessas turmas tinham acesso ao WhatsApp, o que foi reduzindo a quantidade de pesquisados. Entrei em contato com cada professor que usava o aplicativo de mensagens, apresentamos a proposta desta pesquisa e perguntamos se aceitariam ser a voz desse trabalho e compartilhar suas experiências sobre a Orientação sexual no âmbito escolar. Houve resistência por parte de alguns professores para falar dessa temática, não posso afirmar o motivo de não aceitarem, pode ser o fato de se tratar de uma temática pouco abordada e pela dificuldade de se trabalhar o tema em sala de aula.

Obtivemos diálogos com três professores que prontamente aceitaram fazer parte desta pesquisa, narrando suas experiências sobre a Orientação sexual com crianças dos anos iniciais do ensino fundamental.

Para a análise deste trabalho utilizamos como ferramenta a entrevista, para conhecermos as narrativas dos professores que atuam nas respectivas turmas. Como já citado as entrevistas foram através do aplicativo de mensagens WhatsApp.

Após as entrevistas, muitas respostas foram parecidas. Como se trata de um assunto pouco discutido nas escolas, todos os professores ficaram um pouco desconfortáveis com algumas perguntas, mas foram muito atenciosos em respondelas e compartilhar suas vivências.

A pesquisa é de natureza qualitativa, por considerar que ela permite ao pesquisador interação com os sujeitos pesquisados. Busca a compreensão profundamente de fenômenos. É uma forma de evitar a neutralidade e assim termos uma visão ampla da realidade, segundo Ghedin (2008).

Somos seres singulares o viver nos traz experiências sejam elas boas ou ruins por isso narramos acontecimentos constantemente, sobre fatos que vimos, ouvimos e participamos. Por este motivo escolhemos uma abordagem narrativa, onde:

Uma verdadeira pesquisa narrativa é um processo dinâmico de viver e contar histórias, e reviver e recontar histórias, não somente aquelas que os participantes contam, mas aquelas também dos pesquisadores. (CLANDININ e CONNELLY, 2011, p.18).

A pesquisa narrativa tem um objetivo e foco, que durante o processo do trabalho os sujeitos podem contribuir para novos caminhos. Ao se ouvir os participantes pode-se ter outra percepção, bem como mudanças internas sobre si, podem surgir.

[...] os seres humanos são organismos contadores de histórias, organismos que individualmente e socialmente vivem vidas relatadas. O estudo da narrativa, portanto, é o estudo da forma que os seres humanos experimentam o mundo. (CONNELLY; CLANDININ, 1995, p.11).

Em outra obra, Clandinin e Connely (2011 p.20) afirma que a pesquisa narrativa é definida como “uma forma de entender a experiência” em um processo de colaboração entre pesquisador e pesquisado. O relacionamento entre os dois no processo da pesquisa é importante e precisam ser trabalhados.

Usar as narrativas dos professores sobre suas experiências faz com que eles sejam a voz principal dessa pesquisa. Possibilitando assim, conhecer suas vivências através dos seus olhos e de sua maneira de observar a vida. Jovchelovitch e Bauer (2002) nos diz que “A entrevista narrativa tem como premissa estimular o entrevistado e contar a história sobre algum acontecimento importante de sua vida e do contexto social”. (2002, p.93, apud Abreu 2011, p. 63).

Como técnica de pesquisa foi escolhida a entrevista, devido à situação atual do Corona Vírus tivemos o suporte tecnológico para fazer a entrevista com os professores, o ensino estava acontecendo de maneira remota por conta da prevenção a Covid-19. Com a escola fechada, tivemos que encontrar outra forma de continuar a pesquisa com os professores, com isso optamos pela utilização do aplicativo de mensagens WhatsApp, onde pudemos ter contato com os professores no decorrer pesquisa facilitando assim as entrevistas.

Segundo as Diretrizes de Políticas para aprendizagem móvel da UNESCO (2014), o uso da tecnologia móvel, como o celular, por exemplo, viabiliza o processo de aprendizagem em qualquer hora e em qualquer lugar, isso facilita o acesso imediato à informação, possibilitando o compartilhamento de informação e conhecimento.

A tecnologia móvel facilita o conhecer, fazendo com que este se torne acessível de qualquer lugar, cria possibilidades justamente por não se limitar apenas a um dado local ou tempo. Independente do espaço, seja junto ou separado, on-line ou off-line, os conteúdos podem ser acessados a qualquer tempo e também compartilhados.

As narrativas são métodos que se dão pelo ouvir experiências vividas pelas pessoas, sabemos que durante toda a vida o indivíduo enfrenta situações diversas e isto faz com que este acumule diversas vivências. Souza e Cabral (2015, p. 150) vão

nos dizer que, “a narrativa constitui-se no ato de contar e de revelar o modo pelo qual os sujeitos concebem e vivenciam o mundo”.

Cada pessoa percebe sua realidade a partir de suas particularidades, as coisas efetuam sentido a partir das crenças, vivências, valores, e papéis culturais inerentes ao grupo social a que este pertence (GALVÃO, 2015).

Esta pesquisa acontece sempre com um foco e um objetivo, apesar de que estes podem alterar no decorrer do trabalho, afinal de contas os participantes podem fazer contribuições que talvez apontem novas direções.

Os dados coletados na pesquisa podem ser obtidos pela oralidade e/ou pela escrita, o pesquisador precisará decidir qual delas se adequa ao perfil do seu estudo. No campo da educação temos uma oportunidade interessante, visto que educação e vida estão interligadas (SAHAGOFF, 2015).

Para Clandinin e Connelly (2011) aprendemos sobre educação pensando sobre a vida, e aprendemos sobre a vida pensando em educação, pois a vida é preenchida de fragmentos narrativos, marcados em momentos históricos de tempo e espaço.

O objeto de estudo desta categoria de pesquisa são as histórias narradas. As pessoas precisam ser vistas como indivíduos, os quais sempre estão interagindo e inseridas em um contexto social. Esse conjunto de termos formam um espaço para a investigação narrativa. (SAHAGOFF, 2015)

A pesquisa narrativa compreende a experiência humana, e suas vivências, ao contar suas histórias, o sujeito pode mudar a forma como compreende a si mesmo e as outras pessoas.

Podemos usar na metodologia de pesquisa narrativa a escrita autobiográfica, escrita de diários, notas de documentos, histórias de vida. Entretanto, Clandinin e Connelly (2011) se preocupam em não propor um conjunto fechado de tipos de texto de campo, pois acreditam que a complexidade das paisagens investigadas exige do pesquisador criatividade para, em caso de necessidade, criar formas de composição de textos.

Algumas preocupações são comuns em relação a este tipo de pesquisa, por exemplo, o ir e vir durante o processo, que se trata do percurso de uma pesquisa narrativa. Pois, estamos falando de um tipo de pesquisa em que se necessita de uma contínua reflexão. (SAHAGOFF, 2015).

A mesma autora vai nos dizer que:

O processo de composição de significados pode provocar uma reflexão profunda e contínua, pela qual o pesquisado não só compreende e interpreta

o material documentário de sua pesquisa, como também questiona e reflete sobre sua vida, seu papel como pesquisador e sua forma de ver o mundo. (SAHAGOFF, 2015 p. 5).

Essa construção de significados não se dá apenas na coleta de dados, como verdade única e absoluta, afinal, há a interferência das visões pessoais do pesquisador. É necessário considerar a forma e a linguagem utilizada e não se limitar a uma só verdade.

Para Sahagoff (2015) o texto de pesquisa é uma composição que tem como centro pessoas, lugares e coisas, que estão em constante processo de transformação, portanto não são estáticos. Logo, o pesquisador necessita compreendê-los a partir dessa dinâmica, que envolve vidas e histórias narradas a partir dos espaços em que estas se encontram.

Ao se utilizar as narrativas dos professores, suas experiências servirão para mostrar a realidade vivida. Galvão (2005, pg. 330) novamente afirmará que:

A narrativa como metodologia de investigação, implica uma negociação de poder e representa, de algum modo, uma intrusão pessoal na vida de outra pessoa. Não se trata de uma batalha pessoal, mas é um processo ontológico, porque nós somos, pelo menos parcialmente, constituídos pelas histórias que contamos aos outros e a nós mesmos acerca das experiências que vamos tendo.

Podemos dizer que a escrita narrativa remete o sujeito a um espaço de auto escuta, isto é, parecido como se este contasse para si mesmíssimas experiências e tudo o que aprendeu nesse processo ao longo da vida, por meio do conhecimento de si mesmo. (SOUZA, 2004).

Muitas histórias sinalizam para nós, como professores e alunos podem aprender uns com os outros em situações e contextos diversos. Segundo Ferrer:

[...] compartilhar a historicidade narrativa e a expressão biográfica dos fatos percorridos se converte em um elemento catártico de desalienação individual e coletiva, que permite situar-se desde que uma nova posição no mundo em movimento ocorre o desvendar de elementos um tanto enigmáticos, para o próprio sujeito da narração que, na maioria dos casos, nunca havia sido motivado a expressar de forma organizada. (1995, p. 178).

Podemos perceber o quanto é importante o resgate das histórias de vida dos educadores, o quanto é necessária a autorreflexão, as experiências do dia-a-dia e os saberes construídos nesse processo de exercício da profissão.

### 3- NARRATIVAS, EXPERIÊNCIAS E VIVÊNCIAS DOS PROFESSORES:

Durante este capítulo abordaremos as narrativas dos professores e suas experiências com a Educação Sexual com os alunos dos anos iniciais. Através das suas falas saberemos a realidade que vivenciam em sala de aula.

Para que não haja confusão em alguns momentos será empregado o termo orientação sexual, pois é o termo utilizado pelo PCN, mas tudo está englobado na educação como ato de educar.

Os professores (as) foram identificados com as letras do alfabeto A, B e C. O professor “A” possui formação..... O professor “B” ..... O professor “C” ...

#### 3.1 EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA:

Esta seção analisa as falas dos professores sobre educação sexual e detectar se a escola aborda esta temática em sala de aula.

No decorrer da análise, se percebeu que as narrativas acabaram por se assemelhar em alguns aspectos no que diz respeito ao funcionamento da educação sexual na escola e a ausência de informações sobre a sexualidade.

A primeira pergunta feita aos docentes foi, “o que é a Educação Sexual?” e tivemos como respostas:

*Professor A: bom, a Educação Sexual ela é um tema que deveria ser trabalhado diretamente desde os primeiros anos da criança no meio Escolar. Então, deveria fazer parte da grade curricular de todas as séries porque é um assunto atual que vem ganhando autoridade esses anos, devido a muitos problemas que ocorrem no âmbito familiar, âmbito social e até mesmo muitas vezes na escola, então seria um eixo que deveria ser trabalhado.*

*Professor B: olha, tema difícil né, é um tema que serve para orientar os alunos sobre seu corpo, curiosidades, conversar sobre esses temas assim. Não é muita gente que fala sobre isso não, porque é polêmico, creio que os pais também não falam sobre isso com os filhos na casa e não sei e eles iam gostar de saber que a escola fala disso né.*

*Professor C: para mim educação sexual continua sendo um assunto muito difícil de ser explicado, continua sendo um tabu, se para nos professores já temos um certo grau de conhecimento e com a mente um pouco aberta já não é fácil, para os pais então isso se torna quase que impossível visto que a*

*sexualidade é algo muito íntimo e de certa forma até difícil de explicar para uma criança. (ENTREVISTA COM OS PROFESSORES, 2020).*

Percebemos que os professores não definiram um conceito claro que defina a Educação Sexual. Seus conhecimentos a respeito desta temática estão voltados para a questão da sexualidade enquanto um ato sexual e/ou uma “opção sexual”, em que precisa aprofunda mais estes conceitos na formação dos professores que estão em sala de aula, mas a Educação Sexual não se resume somente a isso. Para Vitiello (1995, p. 18–25, apud ALVES, 2008, p.28)

Educação sexual significa informar, orientar e aconselhar [...] é parte do processo educativo especificamente voltado para a formação de atitudes referentes à maneira de viver a sexualidade [...] para tanto deve se apoiar numa metodologia participativa dialógica, reflexiva e apoiada na realidade sociocultural.

O trabalho de orientação sexual na escola é essencial para a formação da identidade do aluno, promovendo um autoconhecimento e desenvolvimento, construindo o entendimento do que é ser um ser humano em sociedade, viva de maneira que se compreenda na sua sexualidade, em conexão com sua realidade social, cultural e ética. Para que a escola ofereça a educação sexual, deve-se informar aos familiares das atividades, mostrando a proposta curricular (BRASIL, 1997).

Saberemos se a educação Sexual efetua parte do currículo escolar, assim como esta é proposta pelos Parâmetros Curriculares Nacionais como um tema transversal para os anos iniciais. Os professores, nos informaram que:

*Professor A: bom, na escola em si, dentro de seu contexto de planejamento, não tem, na experiência que eu tenho quando trabalhei no turno vespertino na escola é que a gente encontrava muitos alunos que tinham alguns problemas né relacionados no âmbito familiar, em relação a isso, casos assim gritantes que a gente se quer imaginava que a criança passava, relacionado a abuso sexual, então a escola em si não está preparada, as escolas do município não têm psicólogo. Então o professor muitas vezes quando descobre certas situações, fica de mãos atadas. Quando passa essa informação para a equipe de gestão, aí eles tomam as providências, mas a escola em si não tem planejamento, a não ser quando o município aborda esse tema da exploração sexual no seu período, no período que tem as campanhas.*

*Professor C: não, na escola não existe uma programação para abordar a educação sexual, geralmente durante o ano todo tem apenas um movimento durante o mês de maio que é do pessoal da saúde na escola, mas isso é muito superficial, muito raro isso, é um assunto como já te falei um tabu, então nós temos um dia que é contra a exploração sexual né, e geralmente se resume a isso, um folheto um número que pode ligar, o número 100 que pode ligar para fazer denuncia, mas é só isso mesmo, não tem não uma programação específica, onde pudéssemos ter essa abordagem de forma*

*melhor, isso não existe na escola.* (ENTREVISTA COM OS PROFESSORES, 2020).

Essas respostas sinalizam que a escola possui carências no preparo para abordar a temática. Como os próprios professores declararam a Educação Sexual não faz parte do currículo escolar. O assunto é abordado apenas nas aulas de Ciências e na Campanha do maio Laranja, que se trata do combate à exploração sexual infantil.

Vale ressaltar que a proposta de abordagem que o PCN efetua não é obrigatória, mas não podemos ignorar a sua importância, esta serve para nortear tanto os professores em sala de aula quanto toda a comunidade escolar.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) sugerem que:

A escola, ao definir o trabalho de Orientação Sexual como uma de suas competências o incluirá no seu projeto educativo. Isso implica uma definição básica de princípios que deverão nortear o trabalho [...]. Esses princípios determinarão desde a postura diante das questões relacionadas a sexualidade e suas manifestações na escola, até a escolha de conteúdo a serem trabalhados junto aos alunos. [...] a escola precisa estar consciente da necessidade de abrir um espaço para a reflexão como parte do processo de formação permanente de todos os envolvidos no processo educativo. (Brasil, 1997, p.299).

Deve haver sensibilidade por parte dos profissionais da educação, de modo que todos compreendam a importância desta sugestão e a coloquem em prática. Para Silva e Neto (2006) os treinamentos e palestras não são o suficiente para chegar ao objetivo que é professores sensíveis e seguros, visto que na maioria das vezes as dúvidas e inseguranças aparecem no momento em que o tema é abordado em sala, necessária supervisão para ajudar.

(...) além da própria experiência pessoal, os (as) educadores (as) precisam de uma mudança de atitude, quererem aprender, abrirem-se ao desafio [...]. Necessitam participar de cursos, debates, grupos de estudos entre outras atividades de capacitação, possibilitando assim uma troca de experiências entre o grupo profissional. (BRAGA, 2009, p.133).

Observaremos no decorrer do capítulo os professores relatando dificuldades em trabalhar a temática, alegam ser polêmico e desafiador, talvez seja constrangedor para eles falarem de um tema delicado com crianças pequenas e temerem não saber escolher a forma correta de falar.

Nas entrevistas com os professores, pudemos perceber o receio e dificuldade que enfrentam até mesmo para dar uma definição concreta sobre o tema. Mesmo que para estes seja importante tratar do tema em sala de aula, enfrenta-se a dificuldade

de como trabalhar o assunto e quais materiais didáticos usar com os alunos dos anos iniciais.

*Professor A: A maior dificuldade como já foi falado são os materiais, os recursos. Claro você planeja, hoje você tem acesso à internet à muitos recursos tecnológicos, porém as escolas não estão preparadas, muitas escolas não têm Datashow para os professores exclusivos para as salas. Encontramos alguns problemas relacionados a isso né, mas como eu falei pesquisando dentro das possibilidades. A gente consegue transmitir um pouco sobre o conteúdo que a gente trabalha, basicamente a falta de conteúdo recurso didático, que possa aprimorar melhorar mais a transmissão desse conteúdo e conhecimento. Outra situação também que seria um dos que eu considero, seria esse tempo para o professor planejar, a gente não tem tempo. O tempo que sobra a gente tá corrigindo prova, as vezes leva pra casa e não tem tempo hábil pra organizar uma aula produtiva, tu organiza uma aula assim que. Uma aula simples que tu tente buscar algo diferenciado, porque se não tu não vai ter vida social.*

*Professor B: A maior dificuldade é saber como falar com eles né, são crianças e a gente sabe que para cada idade tem uma maneira uma linguagem própria para falar, ser professor de várias turmas, com muitos alunos em cada turma, não existe muito tempo para planejar e eu não sei como trabalhar isso com eles da maneira certa.*

*Professora C: A minha maior dificuldade é como abordar esse assunto, com crianças na faixa etária né de 8, de 7, de 6 para baixo, sem causar um impacto sem que elas fiquem constrangidas. Nós não disponibilizamos de um material didático colorido ou adaptado para a idade delas, essas são algumas das dificuldades. (ENTREVISTA COM OS PROFESSORES, 2020).*

Analisando as falas dos professores, vimos que eles se depararam com dificuldades como falta de recursos didáticos e a falta de tempo para planejamento. Os professores da escola pública carregam a responsabilidade de lecionar em várias turmas, em turnos diferentes e com um número alto de alunos em cada turma, o cansaço físico e mental é uma realidade presente.

O professor não pode se sentir desamparado dentro do ambiente escolar, é importante que ele tenha condições físicas e materiais para trabalhar, e seja constantemente informado sobre o rendimento do seu trabalho, para que seja capaz de dar conta dos desafios no ambiente [...] educacional. Quando o docente se sente apoiado e valorizado, o seu desempenho em sala de aula melhora. Não se pode pensar em qualidade da educação básica sem pensar na melhoria das condições de trabalho dos professores. (SILVA, 2012, p. 42 e 43).

No site “*Eu me protejo*”<sup>1</sup>, trata-se de uma iniciativa de orientação sobre o corpo para prevenir abuso sexual infantil. São disponibilizadas cartilhas, vídeo-livro,

---

audiodescrição, vídeo-livro em libras, músicas, teatro de fantoches, poemas, jogos, desenhos para colorir e muitas outras opções, todas disponíveis para impressão e compartilhamento gratuitamente.

Outro projeto com recursos para orientação do corpo que pode ser usado tanto pelos professores como pela família é o “Projeto Quebrando o Silêncio”<sup>2</sup>, o qual trabalha a prevenção contra abuso e violência doméstica. Eles atuam com diversos temas, mas na área infantil ele disponibiliza gratuitamente vídeos e músicas para trabalhar a orientação do corpo, todos esses recursos estão disponíveis na internet.

Como se pode ver, conteúdo para trabalhar a temática existem, porém, se a educação sexual concretiza parte do currículo escolar como é proposto pelo PCN, os professores terão um respaldo e recursos para trabalhar em sala de aula.

### 3.2 A ABORDAGEM EM SALA DE AULA

Percebemos uma semelhança na forma de abordagem do tema por parte dos três professores, como narraram:

*Professor A: A educação sexual na escola não é um projeto como eu falei, porém, ela é trabalhada interdisciplinarmente, a partir dos assuntos que a gente aborda na grade de ciências. Principalmente nos primeiros anos, quando você trabalhará o corpo humano. Que aí a questão da reprodução e sempre interdisciplinarmente esses temas transversais que são a educação sexual, das formas de reprodução do desenvolvimento humano. A questão da sexualidade são temas que hoje estão ganhando uma amplitude maior, uma questão de. Por exemplo, que as crianças possam conhecer as mudanças que estão acontecendo no corpo delas, então são essas situações de forma simplória né que são trabalhadas.*

*Professor B: eu trabalho nas aulas de ciência mesmo quando vamos trabalhar o corpo humano, a higiene corporal.*

*Professor C: geralmente fazemos isso na aula de ciências, quando vamos trabalhar a higiene corporal e as partes do corpo humano né, o corpo humano, é uma oportunidade que nos*

---

<sup>1</sup> <https://www.eumeprotejo.com>

<sup>2</sup> <https://quebrandoosilencio.org/infantil>

*professores temos para falar sobre a educação sexual, sobre o sexo com as crianças de uma forma simples para não impactar.* (ENTREVISTA COM OS PROFESSORES, 2020).

---

O tema educação sexual, quando foi incluído ao currículo do Parâmetro Curricular, deixou de ser prioridade da biologia e ciência, e foi de todas as disciplinas, colocado como um tema transversal. A educação sexual mesmo que esteja no currículo escolar como um assunto transversal, ela vem ocupando um espaço de discussão apenas nas disciplinas de ciências.

Na proposta do PCN a ideia, como já foi falado, é abordar o assunto em diversas matérias. Para ficarem organizados os conteúdos, foram divididos em três blocos que são: corpo, *Matriz da Sexualidade; Relações de Gênero; Prevenção das Doenças Sexualmente Transmissíveis/ Aids*. Dentro de cada eixo temático apresentam sugestões de como trabalhar cada bloco em várias disciplinas.

Alguns exemplos são no bloco Corpo: Matriz da Sexualidade, com foco na disciplina de história onde pode ser trabalhado, “[...] a inclusão de conteúdos a respeito de como a sexualidade é vivida em diferentes culturas, em diferentes tempos, em diferentes lugares e como se expressa pelo vestuário, cuidados pessoais, regras [...]” (Brasil,1997, pag.317).

FIGUEIRÓ (2006) em sua obra afirma que a Educação Sexual pode ser abordada de duas formas na sala de aula. A primeira “dentro da programação” sendo planejada pelo professor e a segunda é a “extraprogramação” que o professor aproveita o momento em que algum assunto específico é levantado e faz disso um momento se discutir o assunto.

Para que a educação sexual aconteça no ambiente escolar, deve os educadores terem conhecimento a respeito do que é a mesma. Como um tema transversal faz-se necessário ter oportunidades de formação para os professores, para se ter um norte de como devem agir e como abordar o tema de acordo com sua matéria.

Como afirma Alves:

[...] se faz necessária a preparação dos professores, partindo de suas dificuldades, visando torná-los bem informados e capacitados, ampliando a compreensão sobre o tema, revisando valores, aprofundando conceitos e instrumentalizando com técnicas de trabalho de grupo, possibilitando, assim, a construção de uma postura profissional como professores conscientes da importância de sua atuação na área da sexualidade. (2008, p. 19).

Com o intuito de ser um tema abordado na escola durante todo o ano escolar. O surgimento da necessidade do debate nas instituições de ensino sobre orientação sexual se deu através do aumento da gravidez na adolescência, doenças sexualmente transmissíveis e exploração sexual, pois se tratam de temas que os pais têm dificuldades de abordar em casa.

Sobre a formação na área da educação sexual os docentes narraram que:

*Professor A: formação em si não, e nos cursos de formação da própria SEMED a gente não recebe, aborda outros temas relacionado mais a questão de escrita e leitura mesmo de cálculo. Esses temas assim ficam muito a cargo do professor, o professor que vai na sua grade e tenta na área de ciência interdisciplinar quando chega aquele período que você vai trabalhar aquele assunto, então formação específica a gente não recebe.*

*Professor B: não tenho nenhuma formação nessa área, deve ser por isso até essa dificuldade de falar sobre isso, por não ter tido uma formação específica. (ENTREVISTA COM OS PROFESSORES, 2020).*

A formação específica na área da educação sexual é necessária para que o professor saiba como reagir em diversas situações, como usar interdisciplinarmente esse conteúdo, quais matérias utilizar e como abordar o tema com diferentes idades da melhor maneira possível.

Segundo o PCN:

*É necessário que o educador tenha acesso à formação específica para tratar de sexualidade com crianças e jovens na escola, possibilitando a construção de uma postura profissional e consciente no trato desse tema. (Brasil, 1997, p. 302).*

Alves (2008, p. 19) em sua obra aborda o papel do professor como o agente que promove a orientação sexual e que este deve se questionar sobre suas condições de trabalho, sua formação e preparo para trabalhar com as disciplinas. Os professores nas entrevistas citaram não ter formação específica para trabalhar com o tema, por isso sentem dificuldades.

*Os professores necessitam entrar em contato com suas próprias dificuldades diante do tema, com questões teóricas, leituras e discussões referentes à sexualidade e suas diferentes abordagens; preparar-se para a intervenção prática junto aos alunos e ter acesso a um espaço grupal de produção de conhecimento a partir dessa prática, se possível contando com assessoria especializada. (BRASIL, 1997, p. 303).*

Portanto, percebemos que se trata de um assunto bastante complexo, não é tão simples aplicar em sala de aula visto que envolve crenças, valores, maneiras de perceber o mundo e isso torna necessário um preparo para ministrar com clareza os conteúdos.

### 3.3 EXPERIÊNCIAS E VIVÊNCIAS

Os docentes compartilharam suas experiências com a educação sexual em sala de aula.

Quando um aluno tem curiosidade sobre sexualidade, estas podem ser retratadas através de perguntas e brincadeiras, o indivíduo inicia seu autoconhecimento nos primeiros meses de vida, descobre sensações e prazer de forma espontânea e natural. Segundo os PCNs (1997) os trabalhos já realizados de orientação sexual nos anos iniciais, mostram que as dúvidas levantadas são mais de caráter informativo e de esclarecimento, como as transformações do corpo, o parto, a gravidez e relacionamento sexual.

Para iniciar as narrativas sobre as experiências dos professores com a Educação Sexual com alunos dos anos iniciais, foi perguntado se algum aluno levantou alguma pergunta sobre sexualidade em sala de aula.

*Professor A: durante meus anos de trabalho na área né, eu ainda não encontrei nenhum aluno que tenha assim questionado essas questões. Que tenha me indagado com relação a sua orientação sexual né, eu já encontrei alunos sim, que tinha traços né que mostravam evidências de que ele... sua homossexualidade ela estava aflorando.*

*Professora B: não, nenhuma criança levantou perguntas sobre sexualidade. Logico que tem crianças que às vezes soltam palavras que não seria certo criança falar. Deve ser porque ouvem os parentes falarem, hoje em dia as músicas que estão fazendo sucesso, só falam besteira e as crianças cantas, mas nem sabe o que aqui significa [...] porque as crianças gostam de repetir o que os adultos fazem.*

*Professora C: não, que eu lembre não, nenhuma criança assim dessa idade elas chegam com essas perguntas para a gente, mas o que a gente observa na escola é que existem agressões em relação ao sexo, e tive queixas de algumas meninas que nos falam a seguinte frase, “professora, ele tá me chamando de saco fede” até porque as crianças já vêm com a mentalidade delas deturpadas das suas casas, sobre o sexo, já traz de casa vários codinomes para o sexo né, então é assim essa situação. (ENTREVISTA COM OS PROFESSORES, 2020).*

Segundo as narrativas dos professores os alunos por terem acesso facilitado a alguns conteúdos de teor sexual e erótico, podem construir ideias erradas sobre o tema. Pois, músicas, filmes, conteúdo visual em redes sociais, nem sempre retratam a realidade, o que pode aguçar suas curiosidades e os conduz a um entendimento errôneo. Há relatos também de que não é comum as crianças levantarem em sala de aula questões a respeito da sexualidade diretamente. Deve o docente está em constante observação e dado que este perceba alguma manifestação do tipo, ele pode aproveitar esse momento como oportunidade de trabalhar a Educação sexual.

Tivemos uma experiência enquanto bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência — PIBID, nesta mesma escola, quando ocorreu uma situação específica e a partir desse ocorrido levantou-se um debate em sala de aula. Em uma das aulas de Artes o professor pediu para que os alunos desenhassem e um aluno específico que normalmente não falava muito e tinha dificuldades de acompanhar a turma desenhou um homem despido e as partes íntimas.

Aquele acontecimento despertou um alerta na escola, porém um momento desse pode ser uma oportunidade de discutir com os demais alunos como foi citado por Figueiró (2006) e Costa (2001) a extraprogramação que aproveita um acontecimento para trabalhar a educação sexual. Segundo o PCN:

Observa-se também que as crianças reproduzem manifestações da sexualidade adulta vistas na TV ou presenciadas. Compete ao educador identificar essas manifestações como curiosidades acerca dos aspectos relacionados à sexualidade e intervir pontualmente, permitindo que as dúvidas possam ser colocadas e o assunto possa ser tratado de forma clara e direta. (BRASIL, 1997, pg. 301).

Muitos professores, ao serem surpresos, quando o aluno manifesta curiosidades sobre sexualidade, repreendem os mesmos e falam com os pais, e muitas vezes desviam o assunto. Em poucos casos fazem disso um debate para conversar sobre o tema em sala de aula coletivamente. O PCN propõe que o professor conduza e oriente o debate, não emitindo opiniões, após o debate é uma opção pessoal do aluno tirar uma conclusão sobre o tema abordado em sala de aula.

Gonçalves et al (2013), aponta que os incômodos e desconfortos dos pais em falar sobre o tema pode ter uma origem, sendo a falta de educação sexual na sua juventude. Essa falta pode gerar nos pais e professores um certo desconforto e até mesmo vergonha em discutir com os filhos e alunos, causando a dificuldade em abordar a temática de maneira mais simples.

Sobre visão dos pais em relação à educação sexual, Figueiró (2006 p.2) em sua obra cita dois pontos, um deles é a preocupação de que os professores passem seus valores pessoais para os alunos e estes difiram que se ensinam em casa. Isto é, os pais conservadores temem que seus filhos recebam valores diferentes dos seus, bem como, pais liberais que temem que seus filhos sejam recebam valores conservadores.

As crianças recebem educação sexual informalmente não apenas em casa, mas através da escola, televisão, redes sociais, através do convívio em sociedade, entretanto é preciso ter um espaço de debate saudável e seguro. Para Gonçalves et al (2013) “os estudos em educação sexual, no contexto familiar e escolar, são de fundamental importância, pois visam a refletir como ela é conduzida e trabalhada na família e na escola”.

Uma lembrança da minha infância que serve como exemplo para que estamos discutindo. Lembro de uma situação específica que vem sempre a minha memória e me causa nostalgia. Diariamente via meu pai escovar os dentes, tinha um momento específico que via ele “escovar sua mão”. Eu não sabia o motivo de ele fazer aquilo, e eu inocente todas às vezes que escovava meus dentes imitava essa ação do meu pai. Ficava escovando minha mão apenas porque meu pai fazia, depois de muitos anos que eu vi descobrir que ele não escovava sua mão, mas estava escovando sua dentadura.

É uma lembrança engraçada, mas é um belo exemplo de como crianças são repetidoras de ações, tenho lembranças de ver crianças pequenas falarem palavras de baixo calão sem nem saber o que significa, apenas reproduzem o que os adultos ao seu redor fala.

Falando um pouco mais sobre a vivência dos pais com o tema, percebe-se que muitos destes sentem-se desconfortáveis de terem seus filhos recebendo educação sexual e acabam partindo para atitudes um tanto complicadas como relata a professor C.

*Professor C: porque como já falei o sexo... a educação sexual ainda continua sendo um tabu e é muito difícil para nós professores falar, até porque é... a gente sabe já teve pais que entrou até na justiça né... contra o professor porque falou algumas coisas para as crianças e a criança chega em casa e conta para os pais e já houve isso então, não que eu tenha medo de falar e ser denunciada não, mas é porque eu trabalho com crianças pequenas mesmo até 8 anos, então fica um pouco difícil até de falar com elas sobre isso. (ENTREVISTA COM PROFESSOR, 2020).*

Pode-se pensar que o não falar é a melhor opção para não despertar a prática e a curiosidade sobre o tema, mas o falar causa prevenção e conhecimento. A “ausência de educação sexual, por parte dos pais da sociedade e até mesmo das instituições educacionais, a impressão de que a sua abordagem possa vir, estimular e antecipar cada vez mais a prática sexual.” (GONÇALVES *et al.* 2013, pág. 256).

A escola deve ser um lugar de formação, que possibilite conhecimento e crescimento intelectual, não ocultando conteúdos por não coincidir com seus princípios (SANTOS, 2001). O educandário deve ser um lugar para se dialogar sobre tudo sem restrições, mas sempre preocupados com a forma e linguagem que será abordado cada conteúdo.

Se por um lado as crianças desde cedo tem acesso à internet. Sendo expostas a diversos conteúdos, vídeos, músicas, filmes entre outros, onde muitas vezes conduz-se apologia à prática sexual com conteúdo deturpado, por outro lado, temos pais e professores receosos em abordar tal temática por ser julgarem ser um assunto difícil.

Segundo os PCNs as manifestações da sexualidade aparecem em todas as etapas da vida e as atitudes tomadas pelos profissionais quando surgem dúvidas. Na maioria das vezes é o ignorar, ocultar ou reprimir (PCN, 1997). As crianças não conhecem todas as funções do corpo, o motivo pelo qual seu corpo sofre mudanças, estas movidas pela curiosidade e buscam saber o porquê de tudo.

[...] a escola deverá informar os familiares dos alunos sobre a Orientação Sexual incluída na proposta curricular e explicitar os princípios norteadores do trabalho. No diálogo entre a escola e as famílias, pretende-se que a sexualidade deixe de ser tabu e, ao ser objeto de discussão na escola, possibilite a troca de ideias entre esta e as famílias. O apoio dos pais aos trabalhos desenvolvidos com os alunos é um aliado importante para o êxito da Orientação Sexual na escola. (Brasil, 1997, p. 304).

É de grande relevância haver uma boa relação entre alunos, pais e escola. Pois, as escolhas que a criança fará está diretamente relacionada com a base que receber na infância e essa base é responsabilidade da família e da escola, por isso faz-se necessário discutir como a escola e os pais trabalharão essa temática.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este trabalho de pesquisa foi fruto de uma inquietação pessoal da pesquisadora, que através de experiências pessoais em sua infância, percebeu que algumas coisas poderiam ter sido evitadas caso esta tivesse recebido a instrução correta a respeito da educação sexual. Ao ter contato com os autores utilizados bem como com os resultados pudemos perceber o quanto o assunto é comum e quanto os números de casos são reais, inclusive na escola onde foi realizada a pesquisa.

Os casos onde se necessita professores capacitados para lidar com Educação sexual, muitas vezes são casos isolados e tímidos. Entretanto, não podemos subestimá-los, pois estes por menores que forem sinalizam para nós que eles acontecem, muitos podem estar apenas sendo escondidos, talvez porque as crianças vivem oprimidas e não conseguem falar a respeito ou a escola está despreparada e não aprofunda o assunto com os alunos.

A realização deste trabalho possibilitou adentrarmos o ambiente escolar. Entrevistar os professores apesar de toda dificuldade que a pandemia da Covid-19 trouxe, fechamento da escola para atendimento presencial. Distância geográfica entre a pesquisadora e os participantes da pesquisa, dificuldade para comunicação via aplicativo de mensagens “WhatsApp”, mas superamos todas as barreiras e conseguimos o material necessário para executar o trabalho.

Ao longo deste trabalho buscou-se responder questões relevantes sobre a educação sexual em sala de aula, identificamos que a escola pesquisada não aborda em seu currículo escolar o assunto interdisciplinarmente como é proposto pelo PCN. Vale ressaltar que não é obrigatória, mas sua implementação na escola é de grande importância. Tanto para os professores que estarão sendo norteados para a aplicar da melhor forma em suas aulas, como para os alunos que receberão o conteúdo para crescimento pessoal, coletivo, respeito sobre seu corpo e do próximo e prevenção de possíveis riscos futuros.

O uso do PCN no currículo escolar auxiliaria o professor na maneira de trabalhar a sexualidade em diversas disciplinas. O que não acontece, pois, segundo o relato dos professores a abordagem dessa temática é conduzida apenas na disciplina de ciências quando trabalham a Higiene Corporal. Outro momento acontece uma vez ao ano na Campanha de “maio laranja” com o combate à exploração sexual infantil, esses são os momentos onde o tema sexualidade é trabalhado.

Os docentes sabem da importância da educação sexual na escola, porém apresentam dificuldades para trabalhar com os alunos dos anos iniciais. Sentem-se despreparados por não apresentarem formação acadêmica e continuada na área da educação sexual, o que dificulta a sua prática pedagógica.

Para os professores a falta de instrumentos, materiais e espaço para trabalhar o assunto torna as coisas um tanto complicadas, nas narrativas dos professores percebemos que não é comum, mas acontecem situações envolvendo dúvidas, curiosidades e até situações um tanto quanto suspeitas relacionadas à sexualidade.

Através desse trabalho tivemos a oportunidade de apresentar um cenário real de uma escola na cidade de Parintins em relação à abordagem do tema nas salas de aula, e um questionamento que pode ser levantado é, quantas escolas mais não devem ter a mesma dificuldade? Isso abre a possibilidade para que esta pesquisa tenha uma continuidade.

Pudemos ter diversas reflexões sobre quais medidas poderiam ser implementadas, onde está a real dificuldade, no dia-a-dia da escola ou na pouca importância que é dada ao tema? Talvez a pouca importância dada é pela falta de interesse ou pela falta de informação, orientação e conteúdo sólido a respeito para os profissionais da educação? Bom, são respostas que ainda podem ser encontradas em novas pesquisas, mas um fato importante que percebemos é haver uma necessidade de um olhar para este assunto.

Portanto, estas narrativas nos mostraram que falta estrutura, material, treinamento e um diálogo facilitado entre a comunidade e a escola para tratar do tema. Percebe-se que os próprios professores carregam um certo temor em tocar nesses assuntos por crerem que se trata de algo sensível e íntimo demais para acessar. Logo, deve-se pensar em soluções para romper com essa ideia limitadora de modo que se abra o caminho para a abordagem livre e desimpedida de um assunto importante como este que tratamos.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Janine Cinara Silveira. **Orientação sexual: elaboração do caderno “Expressando a sexualidade na escola” para a capacitação de professores da rede pública do ensino fundamental de Porteirinha – MG.** Dissertação de Mestrado Pontifícia Universidade Católica. Belo Horizonte – MG - 2008.

ABREU, Delmary. V. **Tornar-se professor de música na educação básica: um estudo a partir de narrativas de professores.** Tese (Educação Musical) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2011.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: orientação sexual.** Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria da Educação Fundamental. Brasília, MEC/SEF, 1997.

BARBOSA, Anabele. A.S CARVALHO, Rafael, N.C. **O uso do whatsapp como ferramenta de pesquisa na EAD**. CIET EnPED, 2018, 26/06-13/07.

BRAMBATTI, Fabiana Fagundes. **A importância da participação da família na educação de seus filhos com dificuldades de aprendizagem escolar sob a ótica da psicopedagogia**. Revista de educação do IDEAU, v.5, n.10, 2010.

BOSCO, Laura Veiga. **Educação sexual e formação continuada de professores e professoras na rede municipal de ensino de Florianópolis/sc/** Laura Veiga Bosco/ orientadora, Neli Suzana Britto. Florianópolis 2019. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências Físicas Pós-graduação em Educação Científica e Tecnológica.

BEIRAS, Adriano; TAGLIAMENTO, Grazielle; JURACY, Filgueiras; TONELI, Maria. **Crenças, valores e visões: trabalhando as dificuldades relacionadas a sexualidade e gênero no contexto escolar**. Aletheia, núm. 21, enero-junio, 2005, pp. 69-78. Universidade Luterana do Brasil. Canoas, Brasil.

BRAGA, Eliane Rose Maio. **Sexualidade infantil: a importância da formação de professores (as) na questão de gênero**. In: Educação no século XXI: Múltiplos desafios/ Sandra Regina Cassol Carbello, Sueli Ribeiro Comar (organizadoras).

Maringá: Eduem, 2009.

CLANDININ, D. Jean. CONELLY, F. Michael. **Pesquisa Narrativa: experiência e história na pesquisa qualitativa**. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: EDUFU,2011.

CARVALHO, Maria Vilani Cosme de. **Temas em psicologia e educação/**organizado por Maria Vilani Cosme de Carvalho. – Belo Horizonte: Autentica, 2006.

CONNELLY, M.; CLANDININ, J. **Relatos de experiência e investigación narrativa**. In: LARROSA, J. Déjame que te cuente. Barcelona: Editorial Laertes, 1995.

COSTA, Ramiro Marinho. **A sexualidade como tema transversal: a estruturação da educação sexual nos parâmetros curriculares nacionais**. Dissertação (Mestrado em Educação) –Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis - 2001.

FERRER, V. C. **La crítica como narrativa de las crisis de formación**. In: LARROSA, J. Déjame que te cuente. Barcelona: Editorial Laertes, 1995.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. **Educação sexual: retomando uma proposta, um desafio**. Londrina: UEL, 1996.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. **Educação Sexual: como ensinar no espaço da escola**. **Rev. Linhas**. 2006. Disponível em:  
<http://www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1323>.

BARTASEVICIUS, D. M; MIRANDA, M. A. Formação de Professores para a Prática de Educação Sexual nas Escolas: Uma Reflexão a Partir do Pensamento Docente. Sisyphus — **Journal of Education**, vol. 7, núm. 3, pp. 156-178, 2019 Universidade de Lisboa. Disponível em:  
<http://www.redalyc.org/jatsRepo/5757/575761154011/html/index.html> Acesso em: 20/06/2021

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1, A vontade de Saber**. Paz&Terra. Rio de Janeiro/ São Paulo 2015.

GUIMARÃES, I. **Educação sexual na escola: mito e realidade**. São Paulo: Mercado de Letras, 1995.

GONÇALVES, R. C.; Faleiro, J. H.; Malafaia, G. **Educação Sexual No Contexto Familiar E Escolar: Impasses E Desafios**. Holos, vol. 5, 2013, pp. 251-263 Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte Natal, Brasil

HOLANDA, Marília; FROTA, Mirna. **O papel do professor na educação sexual de adolescentes**. Cogitare Enferm. Out/Dez - 2010

LIMA, Edenilse Batista. Sexualidade e Currículo escolar: um diálogo a partir da legislação. **VI Colóquio internacional “educação e contemporaneidade – são Cristovão-SE/BRASIL 20 a 22 de setembro de 2012**. Disponível em:  
<https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/10183/38/112.pdf>. Acesso em: 15 06 2021

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi; RIBEIRO, Paulo Rennes Marcal. **Educação sexual: princípios para ação**. Doxa. Revista Paulista de Psicologia e Educação, v. 15, n.1, p. 75-84,2011

MONEY, John. **Os papéis sexuais**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

MOIZÉS, J. S; BUENO, S. M. V. **Compreensão sobre sexualidade e sexo nas escolas segundo professores do ensino fundamental.** Revista Escola em Enfermagem, v. 44, n. 1, p. 205212, 2010.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de. **A pesquisa Narrativa: uma introdução.** Rev. bras. linguist. apl. vol.8 no.2. Belo Horizonte – 2008.

PRAUN, Andrea Gonçalves. **Sexualidade, gênero e suas relações de poder.** Revista Húmus. Jan/Fev/Mar/Abr. N° 1 - 2011.

Projeto eu me protejo, educação para prevenção da violência. Disponível em: <https://www.eumeprotejo.com/> Acesso em: 20 de janeiro 2021

Projeto Quebrando Silencio. Copyright © 2013-2017. Disponível em: <https://quebrandoosilencio.org/infantil/> Acesso em: 20 de janeiro 2021

RIBEIRO, Moneda Oliveira. **A sexualidade segundo Michel Foucault: Uma contribuição para a enfermagem.** Ver.Esc. Enf. USP., v.33, n4, p. 358-63, dez.1999.  
RIBEIRO, P, R, M. **Educação Sexual além da informação.** São Paulo: EPU, 1990. 71p.

RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. **A sexualidade também tem história: comportamentos e atitudes sexuais através dos tempos.** In.: BORTOLOZZI, Ana Cláudia; MAIA, Ari Fernando (Org). *Sexualidade e infância.* Bauru: FC/CECEMCA; Brasília: MEC/SEF, 2005, p.17-32.

ROSA, Kênia Regina; BROETING, Loiza. **Expressões dos adolescentes escolares sobre sexualidade e gravidez.** Monografia de Graduação em Enfermagem. Univali – Biguaçu – SC – 2009.

RODRIGUES, Cibele Pavani; WECHSLER, Amanda Muglia. **A sexualidade no ambiente escolar: a visão dos professores de educação infantil.** Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade, Bebedouro-SP, 1 (1): 89-104, 2014.

SANTOS, Marluce Alves dos. **Orientação sexual no 1º e 2º ciclos do ensino fundamental: uma realidade distante?** 2001. 60 f. Monografia (Trabalho de conclusão de curso) -- Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Caicó, 2001.

SILVA, Daniella N. **A desmotivação do professor em sala de aula, nas escolas públicas do município de São José dos Campos - SP.** Curitiba – PR, 2012  
Disponível:

[http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/1822/1/CT\\_GPM\\_II\\_2012\\_87.pdf](http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/1822/1/CT_GPM_II_2012_87.pdf).  
Acesso: 26 de jun 2021.

SILVA, Regina Célia Pinheiro da; NETO, Jorge Megid. Formação de professores e educadores para abordagem da educação sexual na escola: o que mostram as pesquisas. **Ciência E Educação**, v. 12, n. 2, p. 185-197, 2006.

SOUZA. M.G; CABRAL, C.L. A narrativa como opção metodológica de pesquisa e formação de professores. **Horizontes**, v. 33, n 2, p.149-158, jul/dez.2015. Disponível em: [revistahorizonte.usf.edu.br](http://revistahorizonte.usf.edu.br). Acesso:

SOUZA, E. C. de. **O conhecimento de si: narrativas do itinerário escolar e formação de professores**. 2004. 344 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA - 2004.

SUPLICY, Marta. ET alii. **Sexo para adolescente: orientação para educadores**. São Paulo: FTD, 1988.

SUPLICY, M. et al. **Guia de orientação sexual: diretrizes e metodologia**. 10ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2004. 161p.

SAHAGOFF, Ana Paula. **Pesquisa narrativa: uma metodologia para compreender a experiência humana**. XI Semana de Extensão, Pesquisa e Pós-Graduação SEPesq – 19 a 23 de outubro de 2015.

WEREBE, M. J. G. **Sexualidade, Política e Educação**. Campinas, SP: Autores Associados, 1998. 217p.

## APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



### UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Caro(a) Gestor(a) Rosana Quiróz da Silva,

Convidamo-lo(a) a participar da pesquisa de TCC **Narrativas de Professores Sobre Educação Sexual com Crianças dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental da Escola Municipal “Irmã Cristine”**, sob a responsabilidade do pesquisador (a) **Ranielly Sampaio de Souza** com endereço profissional no Centro de Estudos Superiores de Parintins, sito a Estrada Odovaldo Novo, s/nº - Dejard Vieira, CEP 69152-470 - Parintins/AM, telefone: (92) 3533-6630 e do seu orientador professor Ms. Denis Oliveira com endereço profissional no Centro de Estudos Superiores de Parintins, sito a Estrada Odovaldo Novo, s/nº - Dejard Vieira, CEP 69152-470 - Parintins/AM, telefone: (92) 3533-6630.

Com essa pesquisa, pretendemos investigar se nesta escola se aborda o tema da Orientação sexual. Descrever de que forma é abordada a Orientação sexual pelos professores. Conhecer as experiências dos professores ao abordarem a Orientação sexual com os estudantes. Para os professores realizaremos entrevista. Pedimos seu consentimento para que os instrumentos de pesquisa sejam gravados em áudio e registrados por meio de fotografias. Informamos que o conteúdo das gravações será transcrito e este constituirá objeto de análise desse estudo, podendo ser citado no TCC, de acordo com suas necessidades científicas.

Os riscos decorrentes da sua participação na pesquisa poderão ser constrangimento, desconforto, mal-estar e incômodo, os quais poderão ocorrer durante a aplicação da entrevista e da sua participação na pesquisa. Você deverá se sentir à vontade para nos chamar a qualquer momento para falarmos sobre suas preocupações e dúvidas, para o que a pesquisadora se compromete a minimizar tais riscos e, se for o caso, garantir atendimento psicológico, sem nenhum ônus para você. Se você aceitar participar estará contribuindo para novas reflexões e novos questionamentos acerca da temática investigada.

O(a) senhor(a) pode se recusar a participar do estudo, ou retirar seu consentimento a qualquer momento, sem precisar se justificar e, pelo fato de desejar sair da pesquisa, não terá qualquer prejuízo. O(a) senhora(a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração porque o custeio da pesquisa será de total responsabilidade da

pesquisadora. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo mantida em sigilo.

#### Consentimento Pós-Informação

Eu, Isana Quiroz da Silva, tendo sido informado(a) quanto ao teor de tudo aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo da referida pesquisa, manifesto meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação. Este documento será emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo (a) pesquisador (a), ficando uma via com cada um de nós.

Parintins, 19 de Janeiro de 2020

Isana Quiroz da Silva  
Assinatura do participante

Ranilly Sampaio de Souza  
Ranilly Sampaio de Souza  
Pesquisador (a)

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS  
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS

AUTORIZAÇÃO

Eu.....*Gilvandro Machado Serrão*....., abaixo assinado (a), autorizo Ranielly Sampaio de Souza, estudante de Pedagogia do Centro de Estudos Superiores de Parintins da Universidade Estadual do Amazonas, a utilizar as informações por mim prestadas, para a elaboração de seu Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título Narrativas de Professores sobre Educação Sexual com Crianças dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e está sendo orientado pelo Prof. Ms. Denis Oliveira.

Parintins, *24* de *maio* de 2021

*Gilvandro Machado Serrão*

Assinatura do entrevistado

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS  
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS

AUTORIZAÇÃO

Eu....Nadir da Silva Jacaúna Brelaz Celular  
...(92)994362223....., abaixo

assinado (a), autorizo Ranielly Sampaio de Souza, estudante de Pedagogia do Centro de Estudos Superiores de Parintins da Universidade Estadual do Amazonas, a utilizar as informações por mim prestadas, para a elaboração de seu Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título Narrativas de Professores sobre Educação Sexual com Crianças dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e está sendo orientado pelo Prof. Ms. Denis Oliveira.

- Parintins, .....22..... de.....Junho .....de 2021

Nadir da Silva Jacaúna Brelaz  
Assinatura do entrevistado

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS  
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS

AUTORIZAÇÃO

Eu Francinete Nogueira....., abaixo assinado (a), autorizo Ranielly Sampaio de Souza, estudante de Pedagogia do Centro de Estudos Superiores de Parintins da Universidade Estadual do Amazonas, a utilizar as informações por mim prestadas, para a elaboração de seu Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título Narrativas de Professores sobre Educação Sexual com Crianças dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e está sendo orientado pelo Prof. Ms. Denis Oliveira.

Parintins, 11 de Janeiro de 2021

Francinete Nogueira

Assinatura do entrevistado

## APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA

- 1- Qual seu nome?
- 2- Qual sua Idade?
- 3- Qual sua Formação?
- 4- Quanto tempo você leciona?
- 5- O que para você é educação sexual?
- 6- Na escola onde você trabalha existe uma programação para abordar a educação sexual?
- 7- De que maneira você professor aborda a educação em sala de aula?
- 8- Você se acha preparado para trabalhar a educação sexual na sua sala?
- 9- Qual sua maior dificuldade em relação a educação sexual?
- 10- Durante sua atuação como professor, alguma criança já levantou dúvidas e questionamentos sobre sexualidade?
- 11- Considera ter recebido formação acadêmica inicial adequada para lecionar a Educação Sexual aos seus alunos?
- 12- Que formação inicial e/ou contínua possui na área da Educação Sexual?
- 13- Frequentou alguma Ação de formação contínua no âmbito da Educação Sexual? Se sim, quantas horas? Se não, pretende participar de alguma formação?
- 14- Na sua opinião quando se deve iniciar formalmente a educação sexual da criança em contexto escolar?
- 15- Para você a educação sexual é um papel da escola?
- 16- Na sua opinião é papel do professor trabalhar educação sexual ou outra pessoa específica?
- 17- No âmbito da Educação Sexual e da Sexualidade, qual a pergunta que um aluno/aluna poderia fazer nas suas aulas que o deixasse mais desconfortável em responder?
- 18- Enquanto professor/professora dos anos iniciais, qual ou quais são as suas dificuldades na abordagem dos conteúdos de educação sexual?